

## ‘ALUMIAR A MENTE’: A INSTRUÇÃO ESCOLAR DOS DISCÍPULOS ANA E ZEZINHO NAS TERRAS GOIANAS EM FINS DO SÉCULO XIX

*Diane Valdez\**

**Resumo:** Esse texto faz parte do projeto de pesquisa intitulado “Infância e educação nos contos goianos”, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (2010-2012). A pesquisa tem por finalidade ampliar os estudos de história da educação regional recorrendo à literatura goiana. Optamos, neste trabalho, pela literatura de Cora Coralina. Trata-se de escritos em formato de poemas ou contos inspirados nas lembranças da autora que viveu sua infância no final do século XIX. Os escritos de Cora apresentam várias leituras sobre a relação da infância com o ensino, a escola, a professora, os livros, as punições etc. Dados que registramos e propomos discutir neste artigo.

**Palavras-chaves:** infância; escola; literatura, história da educação.

**Abstract:** This text belongs to a research project “Childhood and Education in Goian Tales”, which was developed in the Faculty of Education of the Goiás Federal University (2010-2012). This research aims to widen studies in regional History of Education, through its literature. We choose, in at the end of the XIX century. Writings of Cora show readings about relationships between childhood and education, school, teacher, books, punishments, etc., data which we registered and we will discuss in this article.

**Keywords:** Childhood, School, Literature, History of Education

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História (UFG) e doutora em Educação (UNICAMP). Pesquisadora na área de História da Educação e integrante do Núcleo de Estudos e Documentação, Educação, Sociedade, Cultura (NEDESC). E-mail: dvaldez@fe.ufg.br

Para impulsionar debates acerca da história da educação local, faz-se necessário buscar e indagar diferentes fontes e produzir textos para ampliar o acesso a esses estudos nos cursos de graduação. Diante disso, optamos, no projeto “Infância e educação nos contos goianos”, por recorrer à literatura como fonte e, neste texto, elegemos os contos e os poemas da escritora goiana Cora Coralina (1889-1985). Nascida na Cidade de Goiás, Cora começou a publicar suas obras a partir dos anos sessenta do século XX, ou seja, ficou amplamente conhecida quando tinha mais de setenta anos. Optamos por investigar as obras dessa escritora pelo fato de ela ser considerada uma referência na literatura, não somente em Goiás, como também no Brasil e também pelo fato de encontrarmos um número relevante de poemas referentes à sua infância em diferentes espaços. É importante registrar que os poemas de Cora são constantemente citados em estudos da História da Educação, pois essa autora registrou de forma expressiva diversas passagens que marcaram sua infância no mundo escolar.

Levando em conta os liames da memória e a abrangência poética ficcional desse tipo de fonte, os escritos fornecem pistas para compreendermos um pouco mais sobre a relação ‘infância e escola’ nesse período da história, sobretudo no que se refere ao poder dos adultos sobre as crianças que, sob o argumento de educar e ensinar, puniam e exerciam constante vigilância sobre elas. Ao propormos esta análise, a intenção é problematizar a respeito de como a literatura apresenta o exercício escolar para o leitor, ou seja, de que forma os escritos literários romantizam, criticam, ressaltam, omitem, desqualificam ou enfatizam o aprendizado, apresentam a relação dos mestres com as crianças, descrevem o ambiente escolar, o uso de materiais didáticos etc.

Desse modo, este texto organiza-se em temáticas. Na primeira parte, intitulada ‘*Velhas lembranças*’: *a literatura entre a história e a memória*, discutiremos os escritos da poetisa como fonte para a escrita da história levando em conta as ressalvas presentes na história e na memória. Na segunda parte, *Espaço escolar: lugar de ‘alumiar a mente’*, discutiremos a educação da infância nas escolas de primeiras letras na área rural e na antiga capital do estado, Vila Boa de Goiás. Já na parte *A escola da Mestra Silvina: as letras que entraram e não mais saíram...* abordaremos passagens da escola doméstica urbana que Cora Coralina frequentou, enfatizando as punições narradas pela poetisa. No item *A Escola do mestre Fidelcino e a Escola Pública do mestre Patroclo: Zezinho e os números...*, focaremos os estudos de Zezinho, primo de Cora, a princípio na escola rural e doméstica, localizada na Fazenda Paraíso (do avô de Cora) com uma classe ministrada pelo mestre Fidelcino, em seguida discorreremos sobre a Escola Pública do mestre Patroclo na Cidade de Goiás, local onde Zezinho foi aluno.

### **'Velhas lembranças': a literatura entre a história e a memória**

Estudar a literatura tendo-a como uma espécie de 'veículo' de ideias propagadoras de um tempo e de um espaço é uma prática que se intensificou no campo das investigações históricas educacionais, sobretudo nas últimas duas décadas. Sem dúvida que recorrer à literatura como fonte histórica é uma tarefa complexa, porém instigante e, particularmente, estimulante, pois, diferente de outras fontes, os textos literários exercem uma atração sobre o leitor/pesquisador. Fato que torna a pesquisa atrativa, embora não mais simples ou mais 'fácil' de se desempenhar, já que a literatura é produzida sob o dinamismo e a diversidade da escrita.

Como qualquer outra fonte, corre-se o risco de interpretar os escritos literários de forma superficial ou torná-los 'verdades absolutas' perdendo assim seu caráter complexo e rico. Para não cairmos em armadilhas anacrônicas, é importante observar a escrita em seu tempo, espaço, fronteira e outros elementos subjetivos presentes no tempo e na escrita do autor. O tempo é um elemento precioso e precisa ser considerado, o que não significa reduzir o passado ao 'antigamente' de forma estreita, como se o passado fosse uma massa homogênea e sem particularidade. Não é possível exigir de uma sociedade, por exemplo, do final do século XIX, práticas da atualidade, conjunturas que não faziam parte de um lugar, de um povo e, sobretudo, de uma época. É preciso assinalar as diferenças do passado e do presente, como bem afirmou o historiador inglês E. Hobsbawm:

A distinção entre o passado e o presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica. (HOBSBAWM, 2003, p.207).

Na tarefa importante e desafiadora da aproximação da história com a literatura, é preciso assinalar também o impacto que a linguagem causa em cada leitor, assim como os significados que este, aqui incluímos também o leitor/pesquisador, atribui em sua leitura e interpretação. Sentidos que não são reproduzidos de forma neutra e nem de forma semelhante, pois a multiplicidade se faz presente sob diferentes aspectos, afinal, o leitor não é um elemento passivo. Da mesma forma, o conteúdo presente em uma obra literária não se traduz em um fiel reflexo da história social do período referido. Para Silva, Cora usa do passado para revigorar o presente:

Entre os cacos de brinquedos sobressaem-se os cacos das lembranças da anciã. Ela procura remontá-los, transformando-os em um mosaico, encaixando aqui, ali e acolá, até estruturar, em formas desenhadas de vaivém, uma história de vida, obedecendo a não linearidade das imagens e dando vazão à renitência de determinadas cenas. A consciência da finitude da vida parece ser um estímulo

para revigorar o passado. (SILVA, 1999, p.160).

Portanto, ao recorrer aos poemas de Cora para investigar sobre a educação da infância no final do século XIX na Vila Boa de Goiás, não podemos perder de vista que se trata de uma escrita envolvida de lembranças e da memória de uma pessoa idosa falando de sua infância. Sob o signo da memória, Cora, como registrou Hobsbawm (2003), faz crescer a história, que por sua vez a alimenta como se procurasse salvar o passado para que ele tenha uma utilidade no presente e no futuro. Segundo o mesmo autor:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (HOBSBAWM, 2003, p.419).

As lembranças são sustentadas pelo presente, como se o presente iluminasse o passado, ou seja, trata-se de uma escrita sobre o passado com argumentos do presente, como se fosse possível explicar o presente por meio do passado, tal qual registrou Silva:

Cora Coralina atribui à sua construção poética duas funções: a de explicar o presente através do passado, o que explica revigorar cenas de sua história pessoal através das lembranças guardadas na memória; e a de contribuir para a formação humana, propiciando através do espelhamento, não percorrer estradas sinuosas de durezas e pedras, palmilhadas por ela. (SILVA, 1999, p.167).

Outra observação importante se refere ao fato de a autora investigada escrever fazendo referência à sua história de vida, uma espécie de autobiografia em forma de poemas. A este respeito Silva destacou:

A escrita autobiográfica vai se definindo a partir dos vários contatos que são estabelecidos. A sua complexidade não permite limites fechados. Apenas a estreita relação entre a história e a ficção não é suficiente para afirmar, dar condições a escrita de ser autobiográfica. Uma escrita cuja identidade se mostrar entrecortada por vários discursos, apresenta-se uma constituição híbrida e somente depois de analisar os vários elementos de que é constituída é que vai ser possível considerá-la enquanto discurso autobiográfico. (SILVA, 1999, p.154).

Silva (1999) ainda afirma que Cora, sustentada pela memória familiar, projeta quadros da infância que também se desdobram em outras fases de sua vida - adolescência, juventude e velhice - denotando um mundo tencionado por desejos irrealizados e frustrações. Nos escritos de Cora, é possível observar os diferentes

discursos apontados por Silva, contudo não é nossa intenção investigar sobre autobiografia como fonte, mas sim destacar e recortar aspectos da infância retratados ou representados nas linhas dos poemas da escritora goiana. Sobre isso, Bezerra registrou:

Cora Coralina se insere nessa genealogia de escritoras cuja obra está marcada por um rememorar que se desloca em ritmo do círculo familiar e de vivências que são parte de seu dia-a-dia. Em *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, por exemplo, muitos de seus poemas procuram reviver uma infância que se afasta da imagem tradicionalmente celebrada como um tempo de inocência e ociosidade. [...] A visão de infância que surge em seus versos, por conseguinte, recupera diversos tipos de tirania que fazem parte do processo de crescimento das crianças. Nesse sentido, a memória firma-se como lugar de interrogação e de re-inscrição do passado como uma forma de entender o presente e o futuro (BEZERRA, 1999, p.80).

A poetisa não romantiza o passado, sobretudo quando trata de sua infância, entretanto, romantizar o passado é uma prática comum não somente na produção literária como também nas falas nostálgicas de pessoas idosas que se referem ao passado de forma idealizada, um tempo bom que não deveria ser modificado. Para Le Goff (2003, p. 223), “O gosto romântico pelo passado, que alimenta os movimentos nacionalistas europeus do século XIX e foi incrementado pelos nacionalismos, incidiu também sobre a antiguidade jurídica e filosófica e a cultura popular”.

É comum poetas e escritores, ao escreverem sobre a infância, retratarem-na como uma fase idílica e plena de felicidade, porém não é uma regra na literatura se apoiar nessa idealização. Como exemplo dessa não idealização da infância, podemos citar Graciliano Ramos em sua obra *Infância* e Cora Coralina em seus diversos poemas. A poetisa desmistifica o espaço familiar, escolar e os demais espaços como lugares de proteção, de harmonia e de felicidade, os sentimentos descritos enfatizam e ‘denunciam’ o poder exercido pelos mais velhos sobre as crianças, assim como o papel das instituições no cumprimento da tentativa de modelar os corpos infantis de acordo com as crenças e os costumes da época.

É interessante observar a forma na qual a autora descreve as relações da menina Aninha (enfatizando o diminutivo como algo pequeno e indefeso) na sociedade da época, na maior parte das vezes de forma nostálgica. Para a autora, tudo se torna objeto de narrativa como registrou Joachim:

Pouco importa o ponto de partida: infância, profissão, escola, história, lendas, dor, miséria, pão, milho, pássaro, música, bolo, prato, rio, boiada, pedra, tudo aqui é matéria de poesia e ensinamento direto, de linhas de fuga que nos

arrasaram para uma luta e uma superação da sombra, assim como para a solidariedade humana (JOACHIM, 1999 p. 24).

Outro aspecto a ser observado se refere ao regionalismo presente na obra da referida autora. Apesar de ter passado mais de quarenta anos fora de Goiás, Cora se apega de forma considerável ao que considera ‘coisas de sua terra’. Isso se traduz no vocabulário, na descrição da sociedade, nos usos e nos costumes da terra. No ano de 1956, Cora registrou:

Volto a Goiás, depois de longa ausência e encontro as tais em uso corrente. Nem se gastaram, nem foram esquecidas, nem relegadas ou trocadas por expressões novas, incorporadas na língua, nesses longos quarenta anos. Vejamos: a rica, expressiva e velha palavra – ENZONA – e suas derivadas: enzonice, enzoneira... Palavra goiana que me lembra a infância passada e repassada. Palavra marcante, clara como ferro em brasa sobre a sensibilidade da criança de imaginação viva que saia da bitola estreita, traçada e medida pelo patriarco das famílias. Só agora depois de ouvir a velha expressão, ela encontrou nova ressonância na acústica da lembrança, consciente, inconsciente ou o que seja, e surgiu à flor das recordações da minha figurinha boba de menina de outros tempos. Enzoneira... eu era uma menina enzoneira. Encontro novamente a palavra inimiga e detestada, ouvida e sentida na remota infância. Eu era definida como menina enzoneira. [...] Criança de imaginação, fazadeira de perguntas, contadeira de sonhos e misturando verdades com imaginário (CORALINA, 1956 apud BRITO, 2009, p. 28).

Como bem afirmou Joachim (1999, p. 17), “Ela mergulha na sua terra, cava profundamente nela com o anseio de melhor (re)encontrar-se com todas as heterogeneidades, então ela é soberbamente regionalista”. Contudo, Cora não se exime de expor, criticar e censurar a sociedade goiana, é possível notar, além das críticas, uma ironia nada sutil em sua descrição. De acordo com Curado:

No caso de Cora Coralina, observa-se, em alguns de seus contos, uma crítica à dissimulada sociedade da época por meio de uma posição mordaz cujo escopo se pauta não só em desvalorizar certos posicionamentos arraigados, mas também levar a reflexões de ordem social e registrar condutas muitas vezes questionáveis. (CURADO, 1999, p. 109).

Enfim, os escritos de Cora oferecem inúmeros elementos para serem investigados, confrontados, questionados e anotados. Contudo, é preciso levar em conta os elementos descritos para não os tomarmos de forma descontextualizada e distante dos debates já produzidos sobre eles.

### **Espaço escolar: lugar de 'alumiar a mente'**

Recorrendo a uma frase de sua bisavó, a poetisa registrou que a escola era o local próprio e adequado para se 'alumiar a mente'. Apesar de traduzir em seus escritos o ambiente escolar como um lugar sóbrio, frio e ameaçador, desponta-o como um espaço de extrema relevância para sua formação. Goiás, no final do século XIX, era uma província de economia baseada na agricultura e na pecuária, e, como outras províncias colonizadas no século XVIII, considerada distante dos grandes centros do Brasil, sobretudo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em função disso, a carência de recursos para a instrução pública é notada em fontes como os relatórios dos presidentes da província e de outros profissionais representantes da instrução da província. As anotações, sempre em tonalidade pessimista, explanam sobre um estado insatisfatório, sem perspectivas, ausente de livros, professores despreparados e ordenados insuficientes. Contudo, antes de corroborarmos com essas afirmações, faz-se necessário lembrar que a afirmação de que o ensino, sobretudo o primário, era precário, inexistente, ou que a instrução primária no Brasil oitocentista do século XIX se confinou entre a desastrosa política pombalina e o florescimento da educação na era republicana como explana a obra *Cultura Brasileira* de Fernando Azevedo definitivamente ainda não foi superada.

Em boa parte da bibliografia que aborda a história da educação goiana, sobretudo uma das mais reconhecidas que é *História da instrução pública em Goiás* do Professor Genesco Bretas (1991), o século XIX é apresentado como um tempo sem lugar, sem escolas, sem leitura. Enfim, apoiado por documentos oficiais, por precários recenseamentos que não consideravam um significativo número de escolas, especialmente as escolas domésticas particulares rurais e urbanas, assim como pelos relatos de viajantes europeus que passaram pela província, concluiu-se que a sociedade goiana por ser predominantemente rural não demonstrava qualquer interesse pelo mundo escolar.

Contudo, alguns estudos e pesquisas já apresentam dados contrários a essa afirmação cristalizada nas produções sobre a história da educação goiana. É possível constatar por fontes, algumas pouco investigadas ainda, assim como pelas últimas produções científicas, um acalorado debate acerca da necessidade de escolarização da população. Fontes apontam cartas, abaixo-assinados, pedidos e outras produções, solicitando escolas, sobretudo na área rural, onde já havia a quantidade de 'almas' suficientes para instalar escola. Outros estudos realizados apresentam dados acerca de escolas para meninos e meninas, professores, materiais escolares, livros, textos que circulavam em jornais etc.

Não estamos afirmando que Goiás do período oitocentista era um centro de instrução modelar ou que se destacava pelo número e qualidade de escolas no

período. O que chamamos a atenção é para o perigo da ‘história única’ que muitas vezes de forma anacrônica usando o presente, ou mesmo o período republicano como modelo elementar, ignora o tempo e não enfatiza os movimentos pela instrução no século XIX. Não podemos perder de vista que é nesse período que se assegurou, sobretudo nos discursos, uma maior preocupação com a instrução primária, pois era fundamental o papel da instrução na elevação do nível intelectual e moral da nação. A capacidade redentora da educação era um poderoso instrumento de regeneração e o Estado era criticado, pois sua falta de atenção para com o ensino era apontada como causa principal da ‘ignorância’ a que o povo estava submetido. A instrução era desejável, tanto para os ‘novos’ quanto para os ‘antigos’ liberais, a diferença era que enquanto os antigos associavam instrução à ‘civilização’ do povo, tentando inculcar-lhe padrões de civilidade, os modernos liberais entendiam que instrução e ‘progresso’ agregavam conceitos como utilidade, produtividade e desenvolvimento.

A necessidade da escolarização para se atingir um patamar de país civilizado estava posta nos discursos oficiais e não oficiais, embora fosse consenso também que havia limites para a extensão dessa mesma instrução para a maioria da população. Desde os limites políticos e culturais de uma sociedade escravista, assim como a ausência de investimento das províncias nesse setor, conforme encontramos registrados em vários documentos. Apesar deste estudo já se pautar em tempo republicano, final dos anos oitenta e anos noventa do século XIX, queremos chamar a atenção para o tipo de escola que configurava na região - escolas que não se instalavam em edificações próprias, onde o conhecimento escolar era ministrado em ambientes domésticos, quintais, ranchos e outros lugares.

### **A escola da Mestra Silvina: as letras que entraram e não mais saíram...**

De acordo com as produções que abordam a respeito da vida e da obra de Cora Coralina, assim como poemas que se referem à sua infância, a vida escolar da poetisa computou dois anos. A menina Ana estudou em uma escola doméstica e particular de uma única professora: Silvina Ermelina Xavier de Brito, a mestra Silvina, professora reconhecida e homenageada nos poemas de Cora. Sobre a curta passagem de Ana na escola, Tahan (1989), filha e biógrafa da escritora, registrou que a velha mestra aposentou-se após lecionar por cinquenta anos, em um período de férias. Diante disso, a *Senhora* sua mãe retirou de vez as filhas das aulas, pois considerou que já sabiam o suficiente: ler, escrever e a tabuada, portanto, já passava da hora de as meninas se aprimorarem nos bordados, nos crivos e nos quitutes. A mesma biógrafa ainda registrou sobre a vida escolar de Cora:

Aninha teve dois anos de escola. Escola nos moldes antigos – do tempo da mãe. Cada aluno com sua lousa de escrever, sentados em bancos sem encosto,

de um lado os meninos, do outro lado as meninas. Entre eles a mesa encardida, suja de tinta das escritas. A mestra impondo castigos, os mais variados, desde a palmatória para os casos mais graves, aos grãos de milho no chão, ferindo os joelhos dos rebeldes que sobre eles tinha que passar um bom tempo ajoelhados. A carta assustadora, no fim do mês, que deve ser entregue aos pais e que precisa ser assinada, onde tudo é relatado: comportamento, aprendizagem, assiduidade. O terror ao levar para casa, esperando a reação do "Senhor Seu Pai" ou "Senhora Sua Mãe" (TAHAN, 1989, p. 16).

Tahan, baseada nos escritos de Cora e nos relatos de sua memória, descreveu um modelo de escola do período não distante de outras fontes na história da educação: separação dos alunos por sexo, bancos sem encosto, mesa coletiva e palmatória. Segundo Silva (1975), a escola também recebia o nome de aula, pois só havia uma classe ou aula, regida por um único mestre ou mestra. Algo que chama atenção nessa passagem é a temida carta de acompanhamento enviada para os 'senhores' pais assinarem. Desconhecemos trabalhos sobre esta fonte, um elemento original da escola, também não notamos o uso deste argumento nas obras de Cora, talvez tenha sido algo que narrou para a composição de sua biografia, mas não levou para seus poemas. Coralina ao registrar sua vida escolar não se conteve em somente descrevê-la, mas também em justificar seu lugar de aluna:

Só tive na vida uma escola primária de uma antiga mestra que já tinha sido mestra da minha mãe, Mestre Silvina. Aposentada, com aposentadoria pequena, insuficiente para a sua sobrevivência, abriu uma escolinha particular e suas ex-alunas matricularam lá seus filhos como no meu caso. Na minha escola primária, eu nunca fui uma aluna da frente. A escola tinha bancos compridos sem encostos, afastados da parede porque a mestra não aceitava que a criança recostasse. Nessa escola, fui sempre do banco das mais atrasadas, sempre! Tive muita dificuldade para aprender, ou a escola não me servia, ou eu não servia para a escola, até hoje não defini muito bem. A mestra era sempre muito paciente, mas cansada, já tinha ensinado a uma geração antes da minha, merecia um descanso que a condição financeira não lhe permitia. De modo que eu ia ficando no banco das atrasadas até não sei quando. Um dia aprendi alguma coisa e fui passando pro banco da frente com muito vagar, muita demora, muito esforço, acho que mais dela do que meu. Eu me lembro que não me esforçava tanto, não tinha estímulo. Entrei nessa escola com cinco anos (CORALINA apud BRITO, 2009, p. 19).

Nota-se que a autora toma como referência um lugar sóbrio e sem atrativos, descrição coesa com o tempo em que estudou. Nas escolas domésticas, as aulas eram ministradas em um cômodo da casa da mestra, ou seja, a descrição que a poetisa faz, de alguma forma com ressentimento, demonstra que ela toma como menção um ambiente escolar não de seu tempo, mas do tempo em que escreveu o poema, já na velhice. Em várias passagens, Cora (2001) registrou a penúria de sua escola. Além do banco pouco cômodo para a criança, a autora ressaltou

outros elementos, como o velho armário, o pote d'água, o prato velho e a velha caneca enferrujada usada por todas as crianças. Nota-se aqui algo que é constante em seus escritos: o 'velho' contrapondo-se ao 'novo'. Era a velha escola olhada de longe e definida como um ambiente monótono, melancólico e 'antigo'.

É importante assinalar que prédios escolares, tal como conhecemos hoje, começaram a se tornar realidade nas primeiras décadas do século XX quando os republicanos, dando continuidade aos debates iniciados no Império, instalaram pequenas escolas chamadas 'Grupos escolares', lugares destinados especificamente ao ensino primário, pois o ensino secundário, sobretudo os Lyceus e as escolas normais, assim como o ensino superior, as faculdades, eram instalados em prédios próprios, muitas vezes valiam-se de suntuosos prédios. A instrução primária era ministrada em qualquer espaço, pois para entrar no ensino secundário era necessário passar por uma prova e não se exigia certificado ou outro tipo de documentação.

Silvina, além de mestra, era madrinha de Cora, o que demonstra a frágil fronteira entre o mundo escolar e o mundo familiar, pois uma madrinha poderia exercer direitos de alguém da família, sobretudo no exercício da rigidez na educação da menina. Em seu poema *Mestra Silvina*, Cora registrou que a sua escola primária foi seu ponto de partida para o mundo da escrita e da leitura. Quando escritora defendia que era preciso reverenciar a velha mestra em suas noites de autógrafos, pois, para a poetisa, a mestra foi a responsável pelo desencantamento:

Eu era menina do banco das mais atrasadas.  
Minha escola primária...  
Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.  
E ela me refez, me desencantou.  
Abriu pela paciência e didática da velha mestra  
(CORALINA, 2004, p.124).

A mestra é reverenciada pela poetisa e descrita como uma pessoa velha, cansada, que dedicou sua juventude a ensinar a meninada, pois muitas mestras não se casavam para se destinar ao magistério. Isso nos remete a uma espécie de destino natural prometido ao mundo feminino, uma espécie de 'sacerdócio', ressaltado pela poetisa como algo prestimoso e reconhecido. Silvina, de acordo com os relatos de Cora, era respeitada 'como uma parenta considerada', os alunos, na porta da escola, saudavam-na com um "Bença, Mestra", apontando que a tão sonhada laicidade escolar preconizada pelos republicanos dificilmente se cumpriria naqueles primeiros tempos de República em um ambiente escolar, doméstico e religioso. Vale registrar que a própria poetisa advertiu sobre as aulas de religião aplicadas pelos freis capuchinhos da cidade nesta mesma escola, encontros que ela apreciava, pois recebia figuras minúsculas de santos.

Nos registros de Cora, sobressaem-se as contradições postas em seu tempo, apesar de enfatizar o papel contundente da mestra em sua formação, a poetisa relatou outra mestra, uma Dona que não era tão paciente e que se valia de castigos físicos para ensinar. Isso pode ser exemplificado pelo poema *AMenina mal amada*, em que Cora registrou que, apesar de muito lhe valer a escola, o que lhe abalizou foi seu encontro com a palmatória ao gaguejar a lição:

Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.  
Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.  
A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência.  
E mandou enérgica: estende a mão.  
Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.  
Mandou de novo: estende a mão. Eu de medo encolhia o braço.  
Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!  
A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,  
nem respirava, intimidada. Tensa, espectante, repassada.  
Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.  
Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.  
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodela se fez maior,  
o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante  
e o bolo estralou na pequena mão obediente.  
Meu berro! E a mijada incontinente, irreprimida.  
Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.  
- Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...  
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,  
e, receosa de piores consequências, me mandou pra casa, toda mijada,  
sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo (CORALINA, 2004, p. 118-119).

Nota-se que apesar da meninada permanecer receosa, em silêncio para evitar sobrar punição, no banco masculino, os meninos não abafaram a vivacidade infantil, fazendo da ocasião um momento de diversão. Em casa, a atitude da mestra foi consolidada e respeitada, pois, se a escola era uma continuidade do lar, era válido educar por meio da palmatória:

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.  
A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,  
e me valeu a biquinha d'água, o alívio à minha escladada.  
Ao meu soluçar respondia a casa: "é pra o seu bem, pra ocê aprender,  
senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão"  
(CORALINA, 2004, p. 118-119).

A poetisa registrou que no meio da confusão do que era dado como 'bem', representado pelos bolos nas mãos e outros inúmeros castigos físicos aos quais era submetida, reforçou que o entendimento de 'bem' era a bolacha dada pela paciente bisavó e os biscoitos de brevidades dados pela tia Nhorita, o resto ela não

tinha noção do que era. A prática de educar a criança por meio da punição é lembrada pela autora em seus diferentes escritos, como já ressaltamos, punir não se limitava ao mundo escolar, em casa e em outros espaços a criança era contida de diferentes formas. Isso não escapou do olhar crítico e ressentido da escritora. Em seu poema *Cora Coralina, quem é você?, ela* observou que o ranço do seu passado se fazia presente:

A brutalidade, a incompreensão,  
a ignorância, o carrancismo.  
Os castigos corporais.  
Nas casas. Nas escolas.  
Nos quartéis e nas roças.  
A criança não tinha vez,  
os adultos eram sádicos  
aplicavam castigos humilhantes  
(CORALINA, 2004, p.225).

Essa passagem evidencia o olhar crítico sobre a sociedade do passado onde a punição estava posta em díspares espaços, contudo ressalta que era a criança o alvo maior dos adultos. A poetisa não deixa de criticar a formação que recebeu mesmo se considerando feia, atrasada, moleirona e outros predicados que lhes eram imputados e por ela assumidos. Coralina apresentava momentos de desejo de conhecer mais, em seu poema *Normas de educação* registrou que não se aceitava das meninas de sua época uma linguagem que não fosse corriqueira e vulgar, linguagem, segundo Cora, típica do mundo doméstico:

Palavrinha diferente apanhada do almanaque ou trazida de fora,  
logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.  
Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo-claro.  
E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas  
leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico  
(CORALINA, 2004, p.156-157).

Apesar dos registros serem caracterizados por queixas e reclames, é possível notar que, para a autora, a escola trouxe alguma coisa considerada de maior relevância para sua vida: a leitura aprendida com dificuldade lhe deu outro lugar, segundo Cora. De forma quase linear, a poetisa anotou que o curto tempo escolar lhe deu a capacidade de se envolver de forma afetuosa e sem volta com as letras. No restante de sua infância, em sua adolescência e juventude, Cora leu, segundo ela, tudo que vinha, fosse sob a luz de lamparinas de querosene e de velas ou aproveitando os últimos raios da claridade. Não só leu como também escreveu, rimou e anotou. Era chamada de menina sonsa por gostar de escrever, uma menina considerada boba que, em meio às lidas domésticas, como dizia a Senhora sua

mãe: “Primeiro a obrigação, depois a distração”, escreveu poemas no correio elegante nas quermesses, novenas para casar e tertúlia dominical.

Coralina destacou em seus escritos sua relação com as poesias de Olavo Bilac, Tomás Antônio Gonzaga, Almeida Garret, Gregório de Matos e Basílio da Gama que lhe inspiraram nas leituras nos serões literários da cidade onde declamava não só os poemas de autores conhecidos como também os de sua autoria. Na juventude, escreveu poemas para jornais e utilizou o pseudônimo de Cora Coralina pela primeira vez. Ler e escrever tinha um preço na sociedade da época, pois de acordo com Tahan, Cora era alvo das conversas das comadres fuxiqueiras de Vila Boa de Goiás que sentadas nas conversadeiras das casas coloniais não se cansavam de falar:

- Aquela não sabe fazer nada. Passa os dias escrevendo...
  - Por isso não casa.
  - Você já leu alguma coisa que ela escreveu?
  - Não li, não quero ler e não gostei...
  - Coitada de Senhora! Uma boca inútil em casa para sustentar
- (TAHAN, 1989, p.36).

Nos escritos de Cora, é possível notar o lugar de destaque dado ao processo de aprendizagem na escola. Contudo, vale observar que o uso de punições, mote que optamos como recorte neste texto, era visto como um método disciplinar que compunha o cotidiano não só escolar e, aparentemente, era aprovado pela sociedade da época. Os únicos que não aprovavam e não naturalizavam isso eram os alunos, que suportavam os abusos cometidos em nome da ordem e da disciplina. A palmatória era uma extensão da sala de aula, um adereço decorativo e útil na correção dos que nada sabiam da vida, apesar de uma lei, instituída no ano de 1827, proibir o uso da palmatória e de qualquer outro castigo físico, permitindo somente os recomendados por Lancaster, como o chapéu de burro e outros. No entanto, a escola não se configurava sem o uso da palmatória. As crianças eram controladas em casa, na escola, na rua, na igreja e em outros espaços. Cabia a elas obedecer ou fugir das regras, escapulir das normas recorrendo aos métodos infantis, pois notamos também que havia resistência por parte das crianças. A poetisa, apesar dos registros de sofrimento, como outra criança qualquer, resistia às normas de educação, fosse mentindo, roubando frutas, empadas, fugindo para a rua ou imaginando-se livre.

### **A Escola do mestre Fidelcino e a Escola Pública do mestre Patroclo: Zezinhoe os números...**

Cora não se limitou a descrever somente sua experiência escolar. Em um texto intitulado *Contas de dividir e trinta e seis bolos*, a poetisaregistrou a passagem

escolar de seu primo Zezinho, um menino de sete anos, filho de sua tia Laudemíria que após se separar do marido, algo que soava estranho para o período, foi viver com o filho na Fazenda Paraíso. Propriedade de seu avô e da bisavó Antônia, o espaço é propagado pela poetisa como um lugar que condizia ao nome, um ambiente que nos reporta, como leitor, ao modelo de uma casa grande. Como já foi ressaltado, Cora não floreceu seu passado, sobretudo sua infância, porém, quando seus textos se reportam à Fazenda Paraíso, as palavras marcam um lugar diferente e prazeroso, nota-se uma clara romantização do ambiente rural, onde tudo parecia harmônico e idílico.

Na Fazenda Paraíso, onde a menina Ana passava suas férias, havia fartura de comida, diferente do alimento regrado da cidade e era cheia de gente que cercava seu avô, um patriarca dono de muita terra goiana, um provável coronel que reunia ao seu redor compadres, agregados, protegidos e ex-escravos que dali não saíram. É nesse ambiente que Cora descreve com admiração sua tia Laudemíria como uma moça nova, zelosa, ativa, espirituosa e alegre, que costurava bonitos vestidos. A tia demonstrava preocupação com o filho que já tinha idade suficiente para entrar na escola, porém ela não queria mudar para a cidade e também não queria enviar Zezinho para o internato do seminário, adiou até quando foi possível, fato que, para o menino que corria pelos campos da Fazenda, não fazia a menor diferença.

A solução estava na própria Fazenda, a mãe procurou seu tio Fidelcino, descrito como um homem nervoso, governado por luas e permanentemente amuado, contudo um homem de notável conhecimento, como registrou Cora (2002, p. 16): “Sabia gramática, Francês, Latim, retórica e tinha rudimentos das leis da Física. Estudara juntamente com outro irmão, no distante e afamado Seminário do Caraça de onde saiu sem completar o curso, com uma doença grave no olho”. Foi acertada as aulas com o mestre que, segundo Cora, tinha capacidade para ensinaros rudimentos ao Zezinho. Todavia houve o esclarecimento de que o mestre só ensinava à “velha moda”:

Concordou e recomendou que mandasse buscar na cidade: cartilha, abecedário, papel, lápis, tinta, pedra-lousa, enquanto ele laborava a palmatória. Minha tia, timidamente, perguntou se não podia ensinar sem essa... ele respondeu com aspereza: “Laudemíria, a senhora já viu criança aprender sem palmatória? Eu nunca vi... sem ela eu não ensino. Com ela boto leitura, escrita e as quatro operações na cabeça de seu menino. Se não quiser, fica lá com seu filho”. Entre o filho crescer analfabeto e apanhar alguns bolos de palmatória, minha tia preferiu arriscar. E lá se foi o Zezinho numa segunda-feira para a escola com as recomendações de estudar bem, prestar muita atenção, não facilitar, não responder torto ao tio, não contestar suas razões e prestar com ligeireza qualquer servicinho que ele quisesse (CORALINA, 2002, p. 22).

Nota-se que o material solicitado estava em consonância com o necessário para o ensino das primeiras letras. Vale destacar o uso da pedra-lousa, também chamada de ardósia, uma lousa pequena que era dada à criança para fazer, sobretudo as operações aritméticas, pois papel era um material muito caro e escasso nesse período. A carta de ABC ou abecedário, segundo Silva (1975, p. 150) familiarizava o aluno com os diferentes tipos de letras, era um objeto de extrema importância, pois quem não soubesse ler a carta era considerada “uma pessoa de pouca leitura”, que entrara “para a escola e não aprendera nada”.

Diante da severidade do mestre, segundo a narrativa de Cora, a tia se empenhou para facilitar a vida do filho nas aulas de um aluno só, fazia quitutes para suavizar a brabeza do tio e beneficiar o filho, que, diferentemente da poetisa, não encontrou empecilho nem com a escrita e nem com a leitura. Por meio das lições passadas e estudadas, a leitura ia se tornando corrente. Contudo, ao aferir o conhecimento de acusar o erro da operação e acertar a conta, tirando a prova, Zezinho não achou a saída, todavia o mestre achou:

A palmatória bem lavrada em cabiúna preta com seu cabo de bom jeito e comprimento legal, sua palma de três centímetros de espessura e cinco de diâmetro com um signo de Salomão riscado no meio e cinco furinhos espaçados saiu do prego e fez sua entrada triunfal. Seis bolos para começar e puxados, para não caçoar. Da casa-grande ouvia-se o choro alto da criança junto ao apelo aflitivo – apelo inútil, aliás. Tio Fidelcino tinha uma fé robusta na palmatória e muita segurança de suas conseqüências (CORALINA, 2002, p. 24).

A fé robusta que o mestre tinha na palmatória é confirmada desde a sua confecção até a decoração do signo de Salomão, fazendo alusão de seus provérbios que ressaltam a punição física como medida educativa com aval divino. Cora registrou que ninguém censurou o tio e nem perdeu o apetite por causa das palmatoadas, exceto a mãe e o filho. Em meio às aulas diárias, das oito às onze da manhã, Zezinho aprendia leitura, escrita, gramática, geografia, latim. No segundo período, a aula começava uma hora e terminava quando o menino finalizava as lições, só não havia aulas aos domingos e dias santos quando o mestre Fidelcino ia pescar ou caçar. O quarto de costura da tia permitia-a ouvir e acompanhar as lições, sobretudo dos números cantados, assim como as punições suportadas pelo filho. Na lição das patacas, moeda já superada que os compêndios não substituíam por tradição, Zezinho se distraiu diante dos atrativos da Fazenda, os números se embaralharam e não havia jeito de acertar. Foi quando a palmatória entrou em cena novamente:

“Chega meu tio...”, gritava o menino... “Chega meu tio...” E a palmatória subindo e descendo no compasso cadenciado da rude punição – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, ia contando minha tia com o coração em suspenso, com as mãos no ouvido e o rosto lavado em lágrimas. Aí

minha tia não se conteve e gritou lá da janela: “O que foi meu filho?”. E o menino de lá soluçando: “São as patacas, mamãe... são as patacas, mamãe...” (CORALINA, 2002, p.28).

Assim se deu os primeiros contatos de Zezinho com o conhecimento. O menino ávido do conhecimento vindo da terra, dos pássaros, das frutas e de toda atração que a Fazenda oferecia virava ‘Seu José’. Ele tinha o primeiro nome consolidado, imposto, sem diminutivos, para dar ao menino um sentido de responsabilidade. Atrapalhado nos zeros das contas de dividir, seus gritos e apelos angustiantes misturavam-se aos barulhos dos bois, vacas e galinhas. Passava o trapinho molhado nos erros e errava de novo, após muitas palmatoadas e pedidos de ajuda para nossa senhora e outros argumentos, Cora assinalou:

Na frente do Zezinho a lousa, os números e a palmatória forçaram, afinal, a porta do entendimento. Acertou a conta e entrou para sempre no ministério da divisão. Tinha terminado a escola. Foi para casa e passou a tarde toda com as mãos dentro de uma bacia com água e sal. No dia seguinte tinha os dedos abertos e as mãos inchadas até o cotovelo mergulhados no colostro (CORALINA, 2002, p. 33).

Sem alternativa, pensando no futuro escolar de Zezinho, a tia de Cora se mudou para Vila Boa de Goiás e matriculou o filho na Escola Pública do mestre Patroclo, caracterizada por uma sala com duas janelas com vidraças de malacacheta. Era comum neste período a escola receber o nome do mestre ou o nome de aula, pois só havia uma classe ou uma aula e um único professor. Zezinho foi para o banco comprido e sem encosto dos atrasados, sem antes ser ridicularizado publicamente por ser da ‘roça’, experimentando o escárnio de pertencer ao mundo rural caipira que se contrapunha com o mundo urbano moderno. O mestre Patroclo, segundo Cora, era um tipo perfeito de pedagogo daquele tempo, gostava de empregar termos eruditos, andava bem arrumado e, como o professor anterior, não abria mão da palmatória:

Alguns pais quando assentavam o filho na escola (não se dizia matricular e sim assentar, fazer o assentamento) inda porfiavam em recomendar: “Casque-lhe os bolos, mestre”. O mestre Patroclo tinha na sua escola um aluno auxiliar, escolhido dentre os mais adiantados, com a denominação expressiva e curiosa de “decurião”. Aliás, todas as escolas antigas tinham esse decurião, inclusive o próprio Seminário de Goiás, no tempo do Sr. Dom Eduardo, de feliz memória. Competia ao decurião a regência da classe na falta do mestre ou mesmo com a presença deste, estribado, decerto, no bom latim docente-discente. O decurião tomava e passava as lições e fazia argumentação em dia de tabuada. O mestre supervisionava (CORALINA, 2002, p.35).

O método de ensino mútuo, utilizado em algumas escolas goianas, atribuía a responsabilidade de um aluno considerado adiantado, o decurião ou o monitor, auxiliar

o mestre, ensinando e vigiando os outros alunos - uma prática que provém dos colégios jesuítas desde o século XVI e que permaneceu na escola até meados do século XX. De acordo com o texto de Coralina, em uma tarde o decurião requeria respostas completas e prontas de contas com números variados, quem errasse passava para trás e ganhava bolos. Não alcançando a resposta certa no banco dos adiantados, o menino, vigiado pelo mestre e usando de seu cargo superior, passou para banco dos alunos médios que também não souberam a resposta. Desanimado, o decurião chegou ao banco dos atrasados onde encontrou Zezinho com a resposta pronta e na ponta da língua. Cora resumiu o final no conto:

Saiu do banco de trás, passou pelos médios e tomou o primeiro lugar na frente dos adiantados, com espanto da classe e admiração do mestre. Na semana seguinte ele tinha tomado o lugar do decurião e com o direito, ainda, de usar a palmatória. O mestre Patroclo depois de aposentado contava para quem quisesse ouvir que foi aquele menino Zezinho – o único decurião de dez anos que teve sua escola. Estava resgatado o tio Fidalcino e a comprovada excelência de sua palmatória (CORALINA,2002, p.36).

Nota-se que, diferente de Cora, Zezinho permaneceu mais tempo na escola e chegou ao posto máximo de um menino de dez anos: ser um decurião. Os mestres, diferentes no estilo, um rural e outro urbano, se encontravam na ordem e na disciplina rígida imposta, fato que, a despeito das lágrimas e dos soluços do menino, consideraram, de forma decisiva, a eficiência da palmatória.

### **Considerações finais**

Em seus textos literários, Cora abriu seu baú de lembranças para contar partes de suas histórias, são fragmentos que a escritora registrou de acordo com as imagens que ela construiu. A poetisa elegeu fatos da vida escolar de uma infância vivida no final do período oitocentista, contudo, muito não foi dito, afinal, ninguém consegue revelar tudo, algumas coisas foram guardadas em outros baús, pois como a própria poetisa registrou trata-se de 'meias confissões' - suficientes para compreendermos, a despeito das ressalvas, o mundo escolar nesse período.

Podemos, com isso, destacar elementos materiais e emocionais que faziam parte de um ambiente escolar e que estão postos em várias pesquisas sobre a história da educação. Primeiro destacamos a importância da escola no período, contradizendo a perspectiva de que em uma região rural não se atribuía importância a ela. Para as duas famílias, de Cora e de sua tia, a instituição familiar era respeitável pela frequência da criança no mundo escolar, pois ao contrário, a vida futura das crianças estaria limitada ao mundo doméstico sem maiores expectativas e, apesar de o ambiente escolar ser descrito como um lugar frio e atemorizante, ele é apontado

como um espaço de extraordinária relevância para a formação da meninada. As experiências isoladas dos três ambientes podem apontar que tanto no meio rural como no meio urbano, em proporções diferentes, aprender era algo acentuado, sobretudo se fosse orientado por mestres considerados capacitados para exercer tal tarefa. Percebe-se com isso uma atribuição redentora da instrução como um forte elemento de regeneração da população.

Sobre o papel dos mestres, é notável que eles assumiam um papel proeminente. No entanto, observa-se, em algumas passagens, características de um exercício exaustivo e não reconhecido, como a mestra cansada que lecionou várias gerações por mais de meio século. O papel da mulher no exercício do magistério permeia uma relação doméstica, dando a essa profissional o poder de punir para conseguir o resultado esperado ao mesmo tempo em que a autorizava a fazer parte da família, inclusive exercendo o papel de madrinha. Já o mestre, apesar do primeiro ser alguém da família do discípulo, ocupava um lugar diferente, mesmo diante de seus métodos não aprovados pela mãe do aluno, não se questionava o poder masculino. Nota-se também a curta permanência das crianças na escola, dado que vinha de encontro com a obrigatoriedade de ensino da época, cursar o ensino primário era considerado suficiente.

É possível considerar vários outros aspectos do mundo escolar dos fins do século XIX, contudo não há espaço para isso. O que notamos de mais significativo, além da contribuição relevante da literatura para a escrita da história, é perceber que se trata de lembranças de uma pessoa adulta que se reporta à infância. Esta é uma ressalva importante para analisar até que ponto os relatos se aproximam do cotidiano escolar do passado e como os valores atuais podem remodelar a memória. Críticas, laudatórias ou nostálgicas, as lembranças conferiram um lugar importante ao tempo de aprendizagem escolar, refletindo tanto uma afirmação do presente, ou mesmo do futuro, quanto uma visão objetiva do passado, muitas vezes mitificada. A infância é mais representada que descrita, sendo essas representações marcadas pela ansiedade social, moral e política da obrigatória seleção trazida pelo tempo e da deformação operada pela memória. Portanto, reforçamos o registro de partes da vida escolar de Cora Coralina, que pode nos ajudar a pensar melhor o contraditório e complexo mundo da instrução no final do século XIX nas terras goianas.

### Referências

BEZERRA, K. da C. Cora Coralina e o discurso da memória: um retrato da velha Goiás. In: In: BRITO, C. C.; CURADO, M. E.; VELLASCO, M. *Moinho do*

*tempo*: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 1999, p. 78-90.

BRETAS, G. História da instrução pública em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 1991.

BRITO, C. C. Escritora e escritura: faces do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: BRITO, C. C.; CURADO, M. E.; VELLASCO, M. *Moinho do tempo*: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 2009, p. 17-29.

CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1978.

\_\_\_\_\_. *Meu livro de cordel*. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.

\_\_\_\_\_. *Estórias da casa velha da ponte*. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *O tesouro da casa velha*. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. *Villa Boa de Goyas*. São Paulo: Global, 2004.

CURADO, M. E. Aspectos irônicos na prosa coralineana. In: BRITO, C. C.; CURADO, M.

E.; VELLASCO, M. *Moinho do tempo*: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 1999, p. 108-119.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

JOACHIM, S. Universalidade da região em Cora Coralina. In: *Vintém de cobre* - Revista, ano I, nº 1. Cidade de Goiás, 1999.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, N. R. de A. *Tradição e renovação educacional em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1975.

SILVA, O. A. Entre as névoas do tempo, a luminosidade da escrita. In: BRITO, C. C.; CURADO, M. E.; VELLASCO, M. *Moinho do tempo*: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 1999, p. 152-175.

TAHAN, V. B. *Cora coragem, Cora poesia*. São Paulo: Global, 1989.

